

A série *Black Sails* e as contribuições das adaptações cinematográficas de *A Ilha do Tesouro* na construção do estereótipo do pirata Caribenho

Nicássio Martins da Costa¹
Eliane Cristina Deckmann Fleck²

Resumo: A série *Black Sails* retrata acontecimentos ocorridos anteriormente à história narrada no famoso livro de Robert Louis Stevenson *A Ilha do Tesouro* e, assim como a obra original e suas diversas adaptações para o cinema, contribui para a construção do estereótipo do pirata. Tal estereótipo se generaliza a partir das características demarcadas por obras ficcionais diversas que acabam por perpetuar as características dos piratas em geral como unicamente oriundas dos piratas caribenhos dos séculos XVII e XVIII.

Palavras-Chave: Black Sails; Piratas; Ficção; Cinema.

The *Black Sails* series and the contributions of cinematographic adjustments of '*The Island Treasure*' in stereotype pirate Caribbean construction

Abstract: Black Sails series depicts events that occurred prior to the story told in the famous book of Robert Louis Stevenson, *The Treasure Island*, and like the original work and its various film adaptations, contributes to the construction of the pirate stereotype. This stereotype is generalized from the characteristics marked by several fictional works that end up perpetuating the features of pirates in general as only coming from the Caribbean pirates of the seventeenth and eighteenth centuries.

Keywords: Black Sails; Pirates; Fiction; Cinema.

¹ Mestrando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (Bolsa CAPES/FAPERGS). E-mail: <nmcnicassio@terra.com.br>

² Professora do Programa de Pós Graduação e História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: <ecdffleck@terra.com.br>

Introdução

O pirata como ator histórico, convertido em personagem de diversos enredos ficcionais, certamente foi alvo de um conjunto extenso de atribuições de características que acabaram por construir um imaginário popular sobre o mesmo bastante distinto do que podem nos contar às obras historiográficas. A literatura, o cinema, as animações infantis, as séries de televisão, entre outros, apoiadas obviamente em uma licença poética de seus produtores que acaba por produzir liberdades narrativas bastante abrangentes, ao longo dos anos posteriores a época áurea da pirataria moderna (séculos XVII e XVIII) contribuíram para que este grande vilão de outrora viesse a receber a simpatia do grande público, por vezes, até mesmo de uma forma heroicizada.

Seguindo, então, uma premissa de que através de meios ficcionais de massa modificou-se ao longo do tempo a opinião pública sobre o pirata, chegamos ao livro *A Ilha do Tesouro*, do escritor escocês Robert Louis Stevenson. Este livro de literatura fantástica data do ano de 1883, pelo menos cem anos após a perda de popularidade da atividade da pirataria. Neste período, com o processo de industrialização crescendo fortemente, a atividade de um pirata tornou-se não somente pouco rentável, como também bastante perigosa, visto que os navios utilizados pelos mesmos já não poderiam mais combater as novas grandes embarcações (principalmente inglesas) que navegavam pelos mares no trajeto Europa-América.

As ideias de roteiro para a construção de *A Ilha do Tesouro* surgiram para seu autor a partir da grande amizade que construiu com seu enteado, o qual tinha uma grande fascinação por histórias de piratas. Inspirado então nesta paixão de seu enteado e em um desenho de um mapa do que seria uma ilha onde se encontrava um tesouro enterrado, feito pelo próprio menino, Robert Louis Stevenson escreveu o enredo que tinha como figura central um rapaz chamado Jim Hawkins. A história se passa no ano de 1754 e se inicia quando o protagonista, por obra do acaso, acaba por ter em mãos o mapa da ilha do tesouro, situação que o coloca, junto a oficiais da marinha, lordes, marinheiros e piratas, em uma perigosa aventura em busca do grande tesouro escondido.

Por mais que o protagonismo dessa história esteja no personagem de Jim Hawkins, é sobre um pirata - personagem secundário - que recai toda a admiração do público desde as primeiras edições do livro. Este personagem chama-se Long John Silver e consigo carrega uma enorme carga de estereótipos que hoje podem definir um modelo de resposta padrão de diversas pessoas quando questionadas sobre as características comuns de um

pirata caribenho dos séculos XVII e XVIII. Silver ostenta roupas pomposas da época acompanhadas por um chapéu triangular, um sabre, uma perna de pau e um papagaio sobre o ombro. A figura de Long John Silver é tão marcante que acaba por suprimir o personagem principal nas muitas adaptações de *A Ilha do Tesouro* para o cinema, como poderemos ver a seguir em imagens das versões cinematográficas desta obra, onde este personagem aparece ocupando posição bastante centralizada em relação aos outros que no texto original tem mais importância no desenrolar do enredo.

Aspectos Teóricos

O referencial teórico deste trabalho gira em torno das suposições de Hayden White acerca da pluralização de fontes de pesquisa histórica quando se trabalha a possibilidade de tratar história e ficção como campos que se entrelaçam de uma forma cíclica e, possivelmente, interminável. Pode-se exemplificar tal afirmação utilizando de forma simples a criação de narrativas historiográficas que se baseiam em obras literárias dos tempos da Antiguidade, como a *Ilíada* e a *Odisseia*. Ambos, em conjunto com a construção e desconstrução desse passado, possibilitam um embasamento, possivelmente incompleto, para a construção do relato histórico relativo àquela época. Esses são exemplos ilustrativos, que poderiam ser seguidos por vários outros a fim de ratificar a afirmação de que história e ficção interligam-se a ponto de, por vezes, formar um conjunto.

Antes de tornar-se ciência, a História era tratada como objeto literário, fazendo parte do meio artístico que não necessariamente tratava de fatos comprovados, ou do passado real. A partir, então, de meados do século XVIII a história passa a ser tratada como objeto de estudo científico. Essa ruptura de conceitos causou a discussão de uma problemática que envolvia a História, Ficção e a, como tratada na época, impossibilidade de existência mútua de ambas como objetos de estudo:

(...) no começo do século XIX tornou-se convencional, pelo menos entre os historiadores, identificar a verdade como o fato e considerar a ficção o oposto da verdade, portanto um obstáculo ao entendimento da realidade e não um meio de apreendê-la. A história passou a ser contraposta à ficção, e sobretudo ao romance, como representação do “real” em contraste com a representação do “possível” ou apenas do “imaginável”. E assim nasceu o sonho de um discurso histórico que consistisse tão-somente nas afirmações factualmente exatas sobre um domínio de eventos que eram (ou foram) observáveis em princípio, cujo arranjo na ordem de sua ocorrência original lhes permitisse determinar com clareza o seu verdadeiro sentido ou significação. (WHITE, 2001, p. 139)

A diferenciação entre história e ficção, então, não se dá a partir da sumária separação e atribuído antagonismo entre ambas. Essa distinção se encontra na possibilidade narrativa e na aceitação de que existe sim o espaço para diferentes percepções sobre o que é trabalhado. Não só a relação entre a narrativa histórica e a ficcional, mas também em mais leques de alternativas distintos, como relacionar a narrativa histórica com outra narrativa também histórica ou um meio ficcional com outro do mesmo gênero. São muitos os cruzamentos que podem ser feitos aqui e todos possibilitando resultados diferenciados de afinidades que nem sempre estarão presentes em trabalhos do mesmo tipo. Por exemplo: uma narrativa produzida por um historiador pode estar mais próxima nos seus detalhes, de uma obra ficcional do que de outra narrativa produzida por um historiador diferente.

Talvez o historiador, no exercício de seu ofício, tenha incrustado em si o compromisso com a verdade, que se configura como uma base de sustentação e distinção para que a história seja tratada como ciência. Então, este compromisso é o causador da resistência em aceitar a possibilidade de convivência da produção de diversas verdades oriundas de múltiplas interpretações, com a produção ficcional, naturalmente possuidora de maiores liberdades. Mas, a partir do momento de que há a plena consciência, por parte do historiador e dos receptores de seu trabalho de que essas verdades possivelmente não retratem a realidade em sua totalidade, a história e a ficção voltam a andar, se não juntas, em movimentos paralelos com diferentes fins.

A história não pode, por certo, simplesmente competir com a ficção, pois os historiadores devem lidar com o que de fato aconteceu no passado. De acordo com White e LaCapra, porém, a representação contemporânea desse passado pode e deve transpor as fronteiras metodológicas que nossos antepassados positivistas legaram à profissão histórica. (KRAMER, 1992, p. 145)

A partir dessas premissas elencadas por White, este texto tem como objetivo analisar de forma breve as contribuições de adaptações cinematográficas do livro *A Ilha do Tesouro* do escritor escocês do século XIX Robert Louis Stevenson para a construção do imaginário popular sobre a figura do pirata caribenho dos séculos XVII e XVIII como ator histórico. Para tão, aqui, mantem-se o foco no seriado de televisão intitulado de *Black Sails* onde se tenta expor a vida dos personagens da obra clássica de Stevenson antes dos acontecimentos da mesma. *Black Sails* retorna no tempo e cruza os personagens de *A Ilha do Tesouro* com acontecimentos históricos e piratas famosos do período, tendo seu enredo amarrado e apoiado nestes aspectos localiza seus espectadores na história do período áureo da pirataria.

As Diversas Adaptações de *A Ilha do Tesouro*

A Ilha do Tesouro recebeu desde os anos 1950 até 2014 diversas adaptações para as telas, desde longas metragens até séries televisivas mais recentemente. Essas adaptações são criadas e postas em prática através da livre leitura que seus criadores fazem da obra original, proporcionando, por conseguinte, interpretações e limites diversos. Como destaca Roger Chartier acerca das *Práticas de Leitura*, muito importantes para o tipo de interpretação que procuramos:

(...) ler não significa apenas submissão ao mecanismo textual. Seja lá o que for ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intensões dos autores dos textos ou dos produtores dos livros. Ler é uma resposta, um trabalho, ou, como diz Michel de Certeau, um ato de “caçar em propriedade alheia” (...). (CHARTIER, 1992, p. 214)

Para observarmos as diferentes interpretações, proporcionadas pelas narrativas de Robert Louis Stevenson em *A Ilha do Tesouro*, precisamos observar como os diversos autores de cinema dispuseram seus personagens nas adaptações da aventura escrita por Stevenson durante o século XIX. Segundo o conceito de *Representações* de Roger Chartier, não temos acesso à totalidade do que realmente aconteceu em diversos conceitos, mas sim às diversas representações do mundo real atribuídas por grupos em seus distintos interesses.

Portanto, para termos essas distinções, seguem então algumas imagens identificadas que fazem parte de algumas destas adaptações:

Figura I - O elenco de *Treasure Island* (2012), Eddie Izzard interpreta o pirata Long John Silver (centro).



FONTE: www.umapergunta.com

Figura II - Tim Curry como Long John Silver no longa Os Muppets na Ilha do Tesouro.



FONTE: <http://www.papodecinema.com.br/>

Figura III - Robert Newton como Long John Silver no longa A Ilha do Tesouro (1950).



FONTE: <http://www.theguardian.com/>

As imagens acima, então, retratam passagens de longas metragens baseados nas narrativas de Robert Louis Stevenson em *A Ilha do Tesouro*, porém, esse texto se destina a

apresentar não um filme, mas sim, uma série televisiva intitulada de *Black Sails*. O seriado em questão estreou na televisão no ano de 2014, tem como canal de produção e transmissão o estadunidense **Starz** além de ter como diretores os também estadunidenses Robert Levine e Jonathan E. Steinberg.

A série *Black Sails* também é baseada em *A Ilha do Tesouro*, porém trás em seu enredo algumas peculiaridades interessantes. Diferente dos longa-metragem de onde são oriundas as cenas a cima, *Black Sails* se passa trinta e nove anos antes dos acontecimentos narrados em *A Ilha do Tesouro* e procura mostrar a trajetória de personagens que tornaram-se famosos na criação de Robert Louis Stevenson, principalmente de Long John Silver. Este não inicia em uma posição de destaque, mas, vai ao longo dos capítulos assumindo certo protagonismo como o personagem carismático e astuto da trama.

O enredo de *Black Sails* remonta o ano de 1715 (os acontecimentos de *A Ilha do Tesouro* se passam em 1754), período em que as atividades da pirataria e do corso se encontravam em seus auge. O cenário principal da trama está localizado em um dos tantos redutos piratas do período: Nassau, nas Bahamas. Resumidamente, o enredo narra, além da história de como Long John Silver veio a fazer parte da tripulação do capitão Flint, as tentativas de enriquecimento de Flint em sua missão de atacar o histórico galeão espanhol *Urca de Lima*. Em *A Ilha do Tesouro* Flint, já morto, é o responsável por enterrar o grande tesouro que é procurado, desenhar o mapa e matar toda a sua tripulação para que ninguém além dele mesmo e alguns poucos subordinados soubesse a exata localização das grandes quantias de ouro enterradas. Além de Flint e Long John Silver, outro personagem importante de *A Ilha do Tesouro* também figura em *Black Sails*: trata-se de Billy Bones – pirata responsável por fazer parar nas mãos de Jim Hawkins o cobiçado mapa do tesouro.

Em diversos momentos da trama de *Black Sails* os personagens fictícios se veem envolvidos com piratas e acontecimentos históricos do período. É bastante citado o reduto pirata de Port Royal, na Jamaica, além de Nassau onde se passam boa parte dos acontecimentos da série. Alguns piratas famosos são citados, como: Sir Francis Drake, Henry Avery e Edward Teach (Barba Negra). Outros aparecem como personagens de bastante relevância para o enredo, como os casos de Charles Vane, John Rackam (Calíco Jack) e a mulher pirata Anne Bonny, todos pertencentes à mesma tripulação. Os três últimos são citados pelo jornalista do século XVIII Daniel Defoe em seu livro *Uma História dos Piratas*:

John Rackam era contramestre da companhia do pirata Vane, desligando-se dele quando este recusou-se a fazer a abordagem e lutar contra uma fragata francesa. Então Rackham foi eleito capitão da divisão que permaneceu no brigue. O dia 24 de novembro de 1718 foi o primeiro do seu comando, e o seu primeiro cruzeiro foi pelas ilhas do Caribe, onde capturou e saqueou diversos navios. (DEFOE, 2008, p. 101)

Anne Bonny foi uma das poucas mulheres piratas que se tem notícias, visto que era considerado de extremo mau agouro levar mulheres a bordo dos navios, ela e Mary Read (esta não citada no seriado) faziam parte da tripulação de John Rackam. Anne Bonny teve um filho deste pirata. Sobre esta pirata, Daniel Defoe ressalta em diversos momentos sua grande coragem, superior a de John Rackam:

Quando da divulgação da Proclamação do Rei com o perdão para os piratas, Rackam resolveu beneficiar-se e se render. Depois, enviado em uma missão corsária, ele voltou para a antiga atividade, como já nos referimos na história de Mary Read. Em todas aquelas expedições, Anne Bonny o acompanhava, e quando qualquer coisa se interpunha em seu caminho, ninguém se mostrava mais valente e corajoso do que ela, especialmente quando eles foram capturados. (DEFOE, 2008, p. 118)

Obras literárias como *A Ilha do Tesouro* são constantemente adaptadas para outros veículos de comunicação, como o cinema e a televisão. Neste processo ocorrem algumas situações bastante interessantes e que merecem ser analisadas. Uma delas, talvez a de mais importância para o que se propõe este texto, é a construção da imagem através do texto. Como a capacidade criativa de diretores, figurinistas e outros profissionais se desenvolve e trabalha a ponto de traduzir em imagem as palavras narradas por escritores criativos em suas produções. Como se pode ver nas imagens oriundas dos filmes de diversas épocas que retratam *A Ilha do Tesouro*, a construção do estereótipo do pirata como ator histórico está bastante demarcada em suas peculiaridades e cada um dos figurinos deste personagem recebeu uma interpretação diferenciada, mesmo que todas seguissem alguns aspectos específicos em comum. Em *Black Sails* essas intervenções não são diferentes e, mesmo que com objetivos distintos, as caracterizações dos piratas que fazem parte do enredo reproduzem traços que já vem sendo demarcados ao longo do tempo em diversas produções que tem esta mesma temática como pano de fundo.

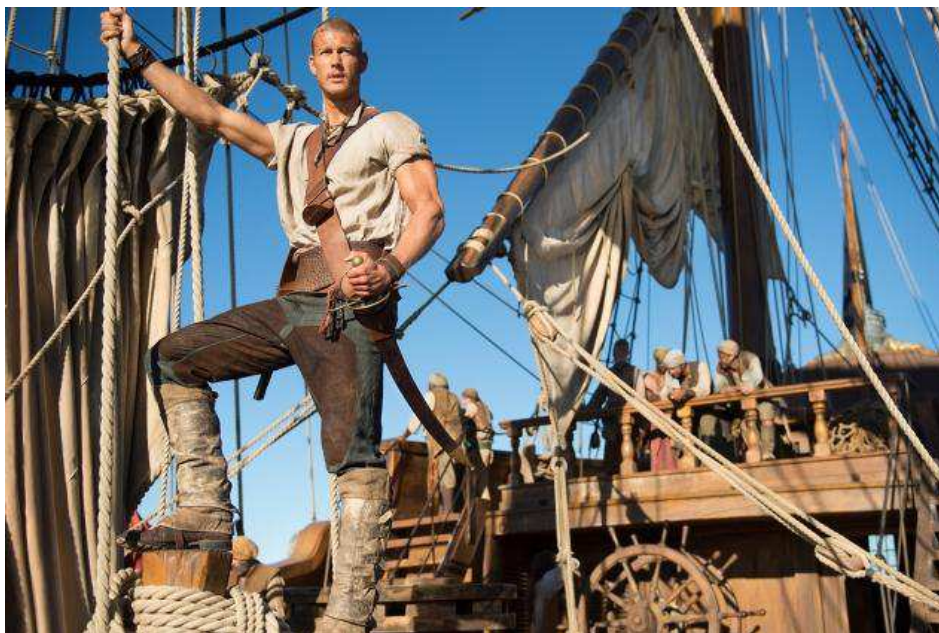
Seguem então algumas imagens identificadas de momentos e personagens da série:

Figura VI - O banner de Black Sails.



FONTE: <http://www.starz.com/originals/blacksails>.

Figura V: Billy Bones interpretado pelo ator Tom Hopper.



FONTE: <http://www.starz.com/originals/blacksails>

Figura VI: Long John Silver interpretado por Luke Arnold.



FONTE: <http://www.starz.com/originals/blacksails>

Figura VII: Da esquerda para a direita: Anne Bonny (Clara Paget), John Rackam (Toby Schmitz) e Charles Vane (Zach McGowan).



FONTE: <http://www.starz.com/originals/blacksails>

Figura VIII: Toby Stephens interpreta o Capitão Flint.



FONTE: <http://www.starz.com/originals/blacksails>

Figura IX: O elenco completo da primeira temporada da série Black Sails.



FONTE: <http://www.starz.com/originals/blacksails>

Considerações Finais

As percepções contemporâneas acerca do imaginário sobre a figura do pirata começaram a se construir durante o século XIX e modificaram de forma bastante acentuada o produto final da opinião das grandes massas sobre o ator histórico em questão. Houve um processo que pode ser chamado de heroicização do pirata como personagem, isto se deu a partir do momento em que esta figura até a pouco tempo antes tão temida

passou a não representar uma grande ameaça em meio às mudanças de paradigma mundial. Outro ponto de vista que pode ser levado em consideração para identificar o início deste processo é o de que o crescimento de popularidade do pirata na opinião pública veio a acontecer concomitantemente e inversamente proporcional à queda de popularidade dos regimes monárquicos, como identifica Saúl Jeronimo Romero em seu artigo, *Todos Los Piratas Tienen Um Lorito Que Habla Em Francês*, ao dissertar sobre a poesia **El Corsario Negro** (Século XIX):

(...) es el liberalismo individualista *versus* el antiguo régimen, que era caracterizado por el imperio español, símbolo de la monarquía, del autoritarismo, del abuso del poder, que la leyenda negra divulgaba a los cuatro vientos y todo ello hacía más asequible su asimilación por parte de los lectores. (ROMERO, 2009, p. 56)

Os motivos, então, para as modificações de interpretação sobre o pirata no imaginário popular, são diversos e diferentes, ou mesmo pode ser um conjunto dessas motivações. Porém, por certo, se pode afirmar que esse processo de construção positiva acerca dos piratas em meios ficcionais passou a ocorrer a partir de meados do século XIX. Construiu-se, então, uma mitologia referente à figura do pirata como ator histórico, onde, este assumiu um papel de destaque e de grande empatia para com a sociedade. O mito construído, mesmo que por meio de ficções se faz fundamental para a análise histórica, funcionando como um aporte rico no processo de identificação da posição no corpo social de atores históricos em diversos períodos diferentes:

Toda história tem seu mito; e, se existem modos ficcionais diferentes baseados em arquétipos míticos identificáveis diferentes, há também modos historiográficos diferentes – formas diferentes de ordenar hipoteticamente os “fatos” contidos na crônica dos eventos que ocorrem numa situação específica de tempo e espaço, de tal modo que os eventos, no mesmo conjunto, são capazes de funcionar diferentemente a fim de delinear com clareza *sentidos* diferentes – morais, cognitivos ou estéticos – em matrizes ficcionais diferentes. (WHITE, 2001, p. 143)

A produção cinematográfica baseada em obras literárias funciona de forma positiva, abrindo novas perspectivas neste processo. A obra de um escritor criativo como Robert Louis Stevenson em *A Ilha do Tesouro* já tem sua função como interpretativa de um período em que o autor foi, mesmo que por pouco, contemporâneo. Produções como *Black Sails* agem como interpretações da própria interpretação original, rejuvenescendo a obra que já tem quase cento e cinquenta anos de existência e aplicando na mesma toda uma gama de imaginários criados desde sua criação, imaginários estes que já não são os mesmos de outrora visto que se desenvolveram a partir do crescimento vertiginoso de meios ficcionais criados a partir de um mesmo arquétipo. Com isto, pode-se afirmar que a

temática está em bastante destaque e pode vir a saturar em um futuro, porém, *Black Sails*, não deixa de trazer inovação no momento que seus produtores procuram explorar o enredo de Stevenson retornando ao passado e cruzando seus personagens ficcionais com situações históricas podendo assim produzir uma aproximação do público para com o tema por outro viés ainda pouco explorado.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. Textos, Impressão e Leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DEFOE, Daniel. **Uma História dos Piratas**; trad. Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2008. 262 p.

KRAMER, Lloyd. S. **Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra**. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROMERO, Saúl Jerónimo. Todos Los Piratas Tienen Un Lorito Que Habla Em Francês. Procesos de Transmisión Cultural: La Imagen de los Piratas em la Cultura Popular. In: **Revista Fuentes Humanísticas n. 37**, 2009.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**. trad. Alípio Correia de Franca Neto 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

HASKIN, Byron. **A Ilha do Tesouro**. Estados Unidos, Walt Disney Pictures, 1950, DVD, 88 min.

HENSON, Brian. **Os Muppets na Ilha do Tesouro**. Estados Unidos, Walt Disney Pictures, 1996, DVD, 99 min.

MARSHALL, Neil. **Black Sails**. Estados Unidos, Starz, 2014, TV Show, 8 Episódios, 56 min.

BARRON, Steve. **Treasure Island**. Estados Unidos/ Irlanda, Prime Pictures, 2012, DVD, 145 min.